

# A CIDADE DOS PADRES: UMA AVENTURA LITERÁRIA\*

*Marta Lia Genro Appel\*\**

**A** obra *A cidade dos padres*, de *Deonísio da Silva*, oferece ao leitor a oportunidade de mergulhar no passado histórico do Brasil, reconstruído pela ficção. Com humor, ironia, linguagem escatológica e otimismo moderado, tem-se a referência de nomes como *Marquês de Pombal*, *Padre Antônio Vieira* e outras figuras que conduzem a trama da narrativa. Os registros históricos oficiais e as convenções literárias são criativamente visados ao contrário, à medida em que se fundem fatos e fantasias. A proposta do trabalho que segue objetiva apontar como são tomados os episódios que se constituem numa verdadeira aventura literária, a qual oferece, também, uma oportunidade de reflexão, de análise sociológica reveladora e válida aos estudos literários.

---

\* Pesquisa desenvolvida na UNIFRA - Projeto vinculado à PROPESQ.

\*\* Professora do curso de Letras do Centro Universitário Franciscano de Santa Maria (RS)

## Introdução

Divertida narrativa parodiada, anárquica e criativa, a obra *A cidade dos padres*, de Deonísio da Silva (1986), apresenta ao leitor um narrador onisciente e um protagonista pirandelliano que alegam o texto com padrões de falas variadas e insinuações sexuais contínuas. Os registros históricos oficiais são retomados pela ficção e reconstruídos, começando *in medias res*, enfocando a década de 1970 e chegando ao Brasil colônia.

João Figueiredo, Marquês de Pombal e outros são personagens que dialogam ao longo da narrativa e oportunizam a reflexão sobre os rumos do Brasil no percurso de sua própria construção.

Tem-se, na obra, importantes recortes da história, como a presença dos jesuítas, o domínio dos gentios, os judeus, a Coroa Portuguesa — dominadora, mas, às vezes, frágil — e os desmandos do poder.

## Marquês do Pombal reconduzido

A obra *A cidade dos padres* constitui-se numa aventura literária que toma emprestado da História importantes episódios. Marquês de Pombal, Secretário de Finanças do Rei de Portugal, Dom José I, é o eixo para a narrativa de Deonísio da Silva.

O século XVIII vê-se retratado por episódios que constituem boa parte do Brasil colônia. Por vezes, Portugal é mencionado como local propício aos desmandos, à desorganização e a muitos abusos que congregam a História, como na passagem que segue:

Também o rei não impunha a ferro e fogo sua ordem/ desordem pelos quatro cantos de Portugal, presunçoso, crendo que lhe fora outorgado, desde priscas eras e árvores ginecológicas perdidas no cipoal dos séculos cristãos, o sagrado direito, o doloroso dever, de impor esta mesma desordem/ordem pelos quatro costados do globo? A cidade de Lisboa, ainda no século XVIII, é uma cidade escura. Não há iluminação pública, ao contrário das aldeias africanas que descobríamos muito tempo antes, e que tinham seus modos próprios de proteger-se, deixando às claras o que escuro lhes parecia. Negros vivendo e dormindo no esplendor de sóis noturnos? Nós, os portugueses, raça orgulhosa de nossos destinos altaneiros, nunca pudemos suportar esta humilhação e, segundo rezam nossos cronistas, ficamos tomados de tal fúria quando

demos com África iluminada pela mão de negros, que ateamos fogo a tudo, fazendo espalhar-se aquela luz por choupanas e cabanas, diluindo naquela claridade, que tanto nos surpreendia, os escuros de nosso pavor, os negros de nosso ódio, e os negros que nos desafiavam um pouco antes de a catástrofe baixar seus desígnios, um pouco antes de embarcarmos em nossos navios, já como escravos, rumo aos continentes onde reinava e mandava a civilização superior dos brancos que — oh, dor! — não tinham iluminação pública!<sup>1</sup>

A irônica linguagem, que faz dos fatos retratados, o registro dos enganos e desenganos que a História elucida, convocam o leitor a uma reflexão. Deonísio questiona, na narrativa, o antigo e o moderno, como se a crítica pudesse dissolver as contradições, pois a relação do homem com a tradição mudou. O remédio contra a mudança e a extinção é o retorno: o passado é o tempo que reaparece e que aguarda o final de cada ciclo. Pombal comunica-se com o momento presente e com o passado, numa desenvoltura própria dos sábios:

“— Me dê as informações corretas, para que é que eu estou te pagando? Ao falar, acabaste de falhar. A minha mulher me disse que muitos livros foram proibidos antes da Inquisição. E que a Física de Aristóteles foi um desses precursores!”

“— Um momentinho, Ministro. Deixa eu ver aqui no computador! Sim, sim, ela tem razão.”

“— Mas é claro que ela tem razão! Quando é que ela não teve?”

“— Maneira de dizer, Ministro, coisas de gentileza vocabular. É claro que ela sempre tem razão, a sua senhora, exceto quando fala mal do senhor, mas essa é outra história. Realmente, a Física de Aristóteles foi proibida no ano 1210. E a Santa Inquisição veio a ser criada somente em 1229, no Concílio de Toulouse! Aquele Concílio baixinho, se lembra? O que para nós não tem grande importância, porque o Santo Ofício demorou a chegar às terras ibéricas, no extremo do império cristão!” (p. 19-20)

---

<sup>1</sup> SILVA, Deonísio da. *A cidade dos Padres*. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1986, p. 26 - 27. As demais citações foram retiradas desta edição, passando-se somente a indicar o respectivo número de páginas.

Segundo Paz (1984), com a Modernidade, a intensidade da fé cristã abalou-se, a ambigüidade supervalorizou o passado, o presente foi o recurso contra o domínio do futuro. Sugere-se, então, um movimento cíclico, um ir e vir, o eterno retorno; assim, a Modernidade se renova. O presente se revigora, e a obra de Deonísio enfatiza esses dois momentos históricos, marcados pelas diferenças de classes numa mesma sociedade. Os personagens demonstram que têm consciência de que o domínio de bens materiais emana do poder.

O papel da Igreja é arduamente criticado na obra, como na passagem abaixo:

— Pensamos que Vossência poderia declinar a ordem religiosa, a malta, a vara, o enxame, a manada e o que mais seja que congregue V. S<sup>a</sup>. Câmbio.

— Sirvo à Companhia de Jesus, sou filho de Santo Inácio de Loyola. Câmbio.

— Embora não sendo dominicano, pode falar, desde que não seja muito prolixo. E o que é que sua mãe acha de sua Revm.<sup>a</sup> ser filho do Inacião, velho de guerra perdida? Jesuíta safado, pões a mãe no meio da malta sem dó nem piedade. Depois se queixam vocês de que os dominicanos só sabem caluniar-vos. Mas vós não prestais mesmo. Além do mais... (p. 49-50)

Há uma metamorfose dos valores, as comportas políticas apontam para a adesão da religião ao poder. Essa dialética oferece algumas dificuldades. Como Berman (1986) registra, de fato, a adesão dos poderosos ao princípio sem princípios da livre troca, seja em economia, em política ou em cultura, dispõe que a violação manipulou as sociedades, ao longo dos séculos. O diálogo que segue ilustra as negociações então travadas:

— Minhas dúvidas eu as dissipei em vida.

— Mas, meu Marquês, certamente não podes dizer o mesmo das tuas dívidas, não é? daquelas letras que emitias, avalizadas pelo Padre João Batista Carbone? Odiaste os jesuítas até o fundo de tua alma, mas foram os jesuítas que te apoiaram em tuas duas primeiras missões, em Viena e Londres, e jesuíta era o padre que endossava teus títulos.

— Era somente um repasse. O dinheiro não era dele. Pegava-o de Dom João V, que, por sua vez, tomava-o do povo, povo do qual eu fazia parte em minha miserabilidade.

— Outro dia, examinava eu umas pastas aqui no céu, aproveitando um lapso de São Pedro na vigilância, e li no grande livro dele que você, Bastião, recebeu certa feita uma carta do tal Padre João Carbone que dizia assim em certo trecho: “Esta manhã se falou a Sua Majestade no negócio da assistência e ajuda de custo. Com bem pesar digo a V. S<sup>a</sup> que não resultou o que V. S<sup>a</sup> desejava. Sobre a questão da ajuda de custo direi que, por via do senhor Cônego, receberá V. S<sup>a</sup> uma letra de doze mil cruzados.” Como se explica isso, Marquês? (p. 45)

A canalização para arranjos no sentido de monopólios por concessão, companhias acionistas, trustes, cartéis e conglomerados, tarifas protecionistas, tudo isso é retomado na narrativa, como forma de denúncia e crítica social.

### **As etnias**

Sabe-se que, durante o período colonial, o judeu surge na figura do “mascate” ou do plantador de cana, sendo enquadrado no grupo dos cristãos novos (esse grupo consiste na conversão dos judeus portugueses ao catolicismo em Portugal, em 1497).

Sobre o enfoque judaico, pode ser identificada a existência de dois momentos bem distintos no estudo e definição da chegada dos mesmos ao Brasil. O primeiro, corresponde aos primórdios da colonização (como fora mencionado acima), o segundo corresponde ao final do século XIX e ao pós-Primeira Guerra Mundial.

Deonísio remonta à História dos judeus em território português e aos poucos informa os procedimentos adotados pela Coroa Portuguesa, especificamente Dom Manuel, “o venturoso”, conforme a passagem que segue:

Começa o venturoso por alguns decretos que depois se tornaram comuns nas vagas da História. Proíbe o culto hebreu, fecha as sinagogas, queima os livros dos judeus e dá-lhes duas alternativas: sair de Portugal ou converter-se. É claro que muitos deles não querem saber de conversão. Não querendo perder súditos de tanto valimento, a Coroa resolve convertê-los à força. Querendo escapar dessa conversão à muque, os judeus adotam procedimento horroroso, mas que no calor da hora não se pode reprovar, já que não havia outros recursos à disposição. Resolver subornar os

funcionários da Coroa com o fim de transgredir a ordem real de que não podiam vender bens de raízes e que, se saíssem do país, teriam que ali deixar esposa e filhos. Os funcionários corrompidos, recebendo sempre enormes quantias, crêem que os judeus têm verdadeiras fortunas, pois sempre arrumam mais dinheiro para essas transgressões. Não percebem esses funcionários que os judeus arrumam um dinheiro desesperado e que as quantias são altas exatamente porque no desespero vão vendendo tudo o que podem e ficando sem mais nada, ficando apenas com o direito comprado de deixar o país (p. 6-7).

Assim, pois, é o cristão novo o primeiro representante do grupo judaico conhecido no Brasil e que atuou como elemento dinâmico na formação da estrutura colonial portuguesa na América (Cohen, 1992).

Quanto ao tema da mistura entre as raças, já abordado em tantas outras obras, adquire na obra de Deonísio uma conotação quase anedótica, de acordo com o diálogo entre Loyola e Pombal:

*Loyola* — Somos e fomos dois hipócritas. Eu defendia o índio porque tinha nele a base de economia própria de Nossa Ordem. Assim poderíamos enfrentar o Estado. Vós defendíeis o índio para quebrar essa economia e poder aparelhar ideologicamente o Estado para combater a Companhia. Era ou não era?

*Pombal* — Dizeis isso porque fui eu quem autorizou casamentos de portugueses com índias, tirando dessas alianças toda desonra. Ou iria deixar que vossos filhos roedores ficassem comendo as índias sozinhos, sem concorrência, botando filhos no mundo através da fornicação indígena e alienígena? Vós esquecesteis de muita coisa que fiz para os índios. Não os usei apenas para combater os padres. Foi em meu governo que o índio foi autorizado a ser juiz ordinário, vereador ordinário, funcionário estatal ordinário. Em vossa ordem, ele era, no máximo, sacristão. Tornei o índio cidadão, politizei o Brasil leigo (p. 113).

De acordo com Silverman (1995) na narrativa aparecem, de modo livre e rotativo: as alegres e bem-humoradas e aparentemente espontâneas memórias do Marquês de Pombal, ditador português do século XVIII, figura central do livro; suas conversações de além-túmulo com diversos companheiros e adversários, e, como paralelo temático, um ensaio verídico de

diversos abusos, cometidos por Pombal e (representantes da) Igreja Católica. Nestes últimos, a exploração cruel dos índios e as maquinações dos jesuítas nas missões se juntam às perseguições inquisitoriais da população judia na Península Ibérica. Juntos, eles servem de metáfora para a triste realidade brasileira, passada e presente. Não surpreende o hiato temporal entre um Figueiredo e um Pombal, que acaba enfatizando mais as similaridades do que as diferenças. O civismo, a ganância e a arrogância claramente atravessam a História do País.

No diálogo entre Loyola e Pombal, o índio novamente é mencionado como manipulado e limitado, conforme vê-se abaixo:

*Loyola* — Como sois hipócrita, meu Marquês! O índio sempre foi um primário cultural. Como impregnar-se de civilização um bugre que fica o tempo todo observando o sol e a lua, adorando esses astros e auscultando o chão da terra para verificar se ela fala ou cala? Esses vossos decretos, dando cidadania a quem não podia exercê-la, de nada valeram, de nada valerão, são sem valimento, só causam tormento e nada constroem.

*Pombal* — Ah! Cidadania não podiam exercer, né? Mas exercer ceulogia eles podiam, né? Na cidade dos padres, todo índio estava autorizado a adorar todos os santos, a respeitar padres e superiores, a renegar colegas e submeter-se a redentores, menos a acolher o Estado, menos ser cidadão ao invés de sacristão (p. 113-114).

## Os jesuítas

A narrativa refere-se ao espaço ocupado pelos padres jesuítas e o modo como conquistaram adeptos nas novas terras. Contudo, o Marquês de Pombal, personagem, vê-se inconformado com a atitude de independência propalada pelos mesmos quando as “Missões Jesuítas” adquirem notoriedade na Europa. Desafiam ordens espanholas e portuguesas. A partir de então, o Marquês justifica sua atitude, quando da expulsão dos padres da Companhia de Jesus:

Queixam-se da expulsão esses malvados malcriados, todos atravessados, mas como iria eu permitir que substituíssem com suas malícias e milícias o próprio Estado? Tropa de safados arruinados, arrenegados, trabalhando para edificar um Estado dentro do outro Estado como se fosse possível pulsar um coração dentro de outro cora-

ção! Pode pulsar em outro lugar, em outro corpo, jamais no próprio, já servido deste motorzinho da vida. O Estado é um corpo. Chega um corpo. Corpo de polícias, corpo de padres, corpo de bispos, corpo de nobres, corpo de fidalgos, corpo de pobres, mas todos perfazendo o corpo místico do Estado (p.100).

### O resgate do tempo histórico

Deonísio da Silva efetua um contraste entre o velho e o novo mundo em *A cidade dos padres* (1986), cujos marcos principais de sátira mordaz, linguagem debochada, escatológica e irreverência são reunidas num caleidoscópio de tramas intercaladas, justaposição cronológica, mudanças de ponto de vista, cenários históricos, exageros dramáticos e personagens da vida real. Conforme Silverman (1995), há na narrativa um narrador autobiográfico, escritor e personagem.

Começando *in medias res*, na presidência de João Figueiredo (1979/1985), nos mais altos escalões das decisões políticas, Deonísio planta sua semente de divergência num romance intitulado *Pombal se recorda*. Sua intenção é criar um cabo-de-guerra verbal entre o chefe do executivo e seus conselheiros sobre o que fazer com o escritor-personagem, preso, e sua história (dentro de uma história) iconoclasta. Só no fim do livro, com sua volta estruturalmente coesa, ao Palácio do Planalto, é que o impasse é resolvido. Enquanto isso, espremido entre ambos os pólos, está, por assim dizer, o *corpus* de *Pombal se recorda*, ou melhor, a própria *Cidade dos padres*.

No diálogo inicial (primeiro capítulo da obra), o presidente Figueiredo está preocupado com um escritor que está preso e sendo interrogado pelos federais, conforme segue:

- E o rapaz? Que é feito do rapaz?
- Está levando um apertão na Federal.
- Cuidado com isso! Nesse país você pode baixar o pau num operário, jamais num intelectual. Eles se alvo-roçam todos. Pode ser o mais infame pústula, mas numa hora dessas, se unem todos, não acham o menor defeito no desgualapado (Silva, p.17).

O diálogo prossegue, entre o presidente e seu secretário, que lhe diz: “Pode cuidar de seus cavalos tranqüilamente. Do governo cuidamos nós” (p.17). O escritor passa a ser uma grande preocupação e alvo de grande curiosidade, pois o presidente deseja falar-lhe, mas é cuidadoso e planeja como poderia estar diante do mesmo e não parecer um ignorante. Ninguém consegue saber o que há nos textos do escritor: “O senhor está preocupado

com ele porque não entende o que escreveu, apesar de já haver dado uma olhada nas cópias que lhe mandei” (p. 18).

Prossegue o diálogo e a preocupação também. O humor e a ironia se fazem presentes de modo contundente neste primeiro capítulo e cria-se, então, uma perspectiva para o que está por vir.

O curioso investigador mostra-se extremamente criterioso com relação ao escritor e suas anotações: “... E se for uma metáfora? Me disseram que esses caras são esquisitos, que escrevem por figuras, que isso, que aquilo! O homem está apavorado. Ele tem medo de tudo” (p. 20).

O autor envolve seu romance de traição e justiça numa aura de humor negro e, ironicamente, otimismo moderado. Personagens assumem, por vezes, momentos da história e neles desempenham importantes participações e interferência. Para Silverman (1995), enquanto Ignatius de Loyola pode aparecer (de passagem) no seu melhor dogmatismo, assim o faz também o Padre Vieira, cheio de compaixão. No final de *Pombal se recorda*, o personagem e seu autor são liberados.

A liberação do personagem ocorre num clima de humor e ironia:

— O que faço com o rapaz? — perguntou o Ministro.

— Agora, podem fazer o que quiserem. O tiro já saiu pela culatra. No Brasil, a melhor propaganda para livro ainda é a censura. Com uma vantagem: é de graça.

— Eu acho que Vossa Excelência está enganado, Presidente. Mas isso, só o tempo dirá.

— O tempo apenas dirá que eu fui um presidente rodeado de péssimos ministros e, por isso, fiz um governo horroroso. E quanto ao rapaz, mande soltá-lo e devolva-o ao *pastus* universitário para que receba o castigo devido naquele *campus* de concentração. Você sabia, Ministro, o que acontece quando a gente solta um desses passarinhos criados no cativeiro?

— Não, Excelência.

— Ele morre. Você veja que coisa cruel é a liberdade para ele.

— Porém, o que mais me intriga é que as aves que voam leves e soltas pelos céus do Brasil, quando são postas na gaiola, não morrem. Basta que lhes demos água e comida.

— Sim, disso eu sabia. O Ministro da Aeronáutica está lá na prisão, bem gordinho, comendo brigadeiro.

Os dois deram sonoras gargalhadas (p.162-163).

Assim, dá-se o encerramento da narrativa parodiada que aproxima fatos históricos, fantasias, críticas e humor com propriedade literária e habilidade de escrita.

### Considerações Finais

A obra *A cidade dos padres* constitui-se numa narrativa muito bem construída, que retoma grande parte da História do Brasil.

Conforme Sodré (1987), a superação do passado colonial é processo longo e difícil. No Brasil, sofremos do atraso e sofremos do avanço. Não temos, na verdade, tradição democrática e não é impunemente que conhecemos quatro séculos de escravismo. Ao longo de uma história muito mais tormentosa do que se proclama, a ficção de Deonísio da Silva oferece uma reflexão sobre o próprio percurso histórico e a árdua conquista da liberdade.

As classes dominantes são, de fato, apontadas como cerceadoras da liberdade e desencadeadoras dos golpes preparados na intimidade do poder, dentro do aparelho de Estado.

A feição autoritária do poder, alicerçada no seu prolongado uso e no seu abuso continuado, aparece na obra, com clareza, nos atos mais comuns e na maneira como ações são planejadas e executadas.

*A cidade dos padres* é uma tentativa séria e bem sucedida que busca explicar como o Brasil chegou onde está e, além disso, constitui-se num estudo sociológico, revelador e de grande qualidade literária.

### Referências Bibliográficas

BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. Trad. de Carlos Felipe Moisés e Ana Maria L. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

COHEN, Vera Regina de Aquino. A imaginação judaica no Rio Grande do Sul. In: LANDO, Altair Marli (Org.). *RS: imigração & colonização*. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1992.

PAZ, Octávio. *Os filhos do barro*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

SILVA, Deonísio da. *A cidade dos padres*. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1986.

SILVERMAN, Malcolm. *Protesto e o novo romance brasileiro*. Trad. de Carlos Araújo. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS/Ed. Universidade de São Carlos, 1995.

SODRÉ, Nelson Werneck. *Literatura e história no Brasil contemporâneo*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.